ARCHEION ON LINE
ISSN 2318-6186
Revista de Arquivologia da UFPB

O SOCIOMATERIAL NAS PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS: sob o olhar da pesquisa pós-qualitativa

Patrícia Silva[1]

RESUMO

A vida em sociedade demonstra que somos constituídos de vários elementos que nos moldam e nos associam ao mundo. Assim, é necessário estudar perspectivas teóricas que são capazes de destacar o papel desempenhado por uma gama diversificada de atores, configurando-se como uma assembleia de coisas. Contudo, é bastante comum considerar que nas práticas arquivísticas, os humanos são geralmente percebidos de forma hegemônica, cujos objetos/coisas, os documentos arquivísticos, são sempre passivos a ação desses humanos. Tra-se para o debate teórico a performatividade e a pesquisa pós-qualitativa, porque entende-se que os objetos/coisas precisam ser incluídos também na análise de um fenômeno, pois eles compõem o processo pelo qual um dado fenômeno se desdobra. Metodologicamente apresenta-se a pesquisa pós-qualitativa, fundamentada numa visão não-antropocêntrica, desmascarando as maneiras pelas quais estamos enraizados em ideologias humanistas, a investigação pós-qualitativa oferece uma maneira de estar no mundo que se encaixa e pode envolver o emaranhado que o mundo é. Considera-se que os não-humanos podem ser portadores de práticas e possuem performances, assim como os humanos. Nós precisamos mostrar como as coisas que as pessoas fazem, fazem as pessoas a fazer coisas. Não se pretende colocar os objetos/coisas acima dos humanos, nem vice-versa, mas entre esses e reciprocamente. Estes objetos/coisas podem ser usados por nós humanos, mas eles também podem usar os seres humanos e influenciar, mudar uma prática social arquivística, que então não é mais particularmente humana.

Palavras-chave: Práticas Arquivísticas. Performatividade. Pesquisa Pós-Qualitativa.

SOCIOMATERIAL IN ARCHIVIST PRACTICES: under the view of post-qualitative research

ABSTRACT

Life in society shows that we are made up of several elements that shape us and associate us with the world. Thus, it is necessary to study theoretical perspectives that are able to highlight the role played by a diverse range of actors, configuring themselves as an assembly of things. However, it is quite common to consider that in archival practices, humans are generally perceived in a hegemonic way, whose objects/things, documents, are always passive to the action of these humans. I bring performativity and post-qualitative research to the theoretical debate, because I understand that objects/things must also be included in the analysis of a phenomenon, as they make up the process by which a given phenomenon unfolds. Methodologically I presented post-qualitative research, based on a non-anthropocentric view, unmasking the ways in which we are rooted in humanist ideologies, post-qualitative research offers a way of being in the world that fits and can involve the tangle that the world is. I believe that non-humans can be carriers of practices and have performances, just like humans. We need to show how the things that people do, make people do things. I do not intend to place objects/things above humans, or vice versa, but between them and vice versa. These objects/things can be used by us humans, but they can also use humans and influence, change an archival social practice, which then is no longer particularly human.

Keywords: Archival Practices. Post-Qualitative Research.

[1] Doutora em Educação |UFBA | silva.131313@gmail.com

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

1 INTRODUÇÃO

A vida em sociedade demonstra que somos constituídos de vários elementos que nos moldam e nos associam ao mundo (LE BRETON, 2003; HARAWAY, 2009; COUTO, 2012). Ou seja, o humano é ao mesmo tempo uma singularidade e um somatório de vínculos.

O conceito de social tem muitos significados diferentes, contudo a palavra latina *socius*, que significa associar e tem sentindo de incluir qualquer coisa e tudo o que pode ser associado. Assim, social (conexões, interações) podem incluir plantas, animais, artefatos, humanos, objetos/coisas, etc.

O social é aquilo que se manifesta a partir das associações, e como essas associações se estabilizam produzindo o social (LATOUR, 2012). O social e o material estão profundamente conectados e não existe social que não seja material, e nenhum material que não seja também social (BUHL; ANDERSEN; KEROSUO, 2019).

Nesse contexto, o argumento desenvolvido neste artigo teórico é que a vida, tanto na área arquivística o como em outras esferas, nunca é apenas material e social. Longe de ser passiva ou inerte, a materialidade é uma força viva que participa ativamente dos eventos (BENNETT, 2010a) e tem performatividade. Assim, os profissionais arquivistas, estão cercados de objetos/coisas: estantes, arquivos móveis, equipamentos, horários administrativos, documentos políticos, etc., é impossível imaginar a Arquivologia acontecendo sem eles (WALTZ, 2006).

Documentos políticos podem ser definidos como um objeto material/imaterial, que produz efeitos sobre o ambiente social. Significa arranjos de poder e autoridade, como por exemplo, a tabela de temporalidade e destinação de documentos.

Posto isto, é importante focalizar a atenção do artigo, no social e na materialidade, e principalmente na performatividade, se quisermos entender essas interações. Sendo assim, as agendas em Arquivologia carecem de uma metodologia que não inicie apenas com os seres humanos, seus objetivos e seus interesses, mas também por campos interdisciplinares.

Deste modo, se traz para o debate teórico a performatividade e a pesquisa pós-qualitativa, porque entende-se que os objetos/coisas precisam ser incluídos também na análise de um fenômeno, pois eles compõem o processo pelo qual um dado fenômeno se desdobra.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

Logo, é importante apresentar novos conceitos e interpelações, para debater questões arquivísticas, contestando hierarquias do pensamento cartesiano e seus binarismos centrais (particularmente sociedade/natureza, humano/não-humano[2]), a partir de diversos fatores; como por exemplo mais acesso à informação e bens de consumo - efeitos da globalização e suas economias. Ademais, catástrofes ambientais, guerras, violência de gênero, racismo, a falta de privacidade, a era do algoritmo[3] e, mais atualmente, a pandemia da Covid-19.

2 PERSPECTIVA SOCIOMATERIAL

Como a Arquivologia contemporânea está conduzindo a materialidade? Essa é uma questão essencial a ser discutida pelos pesquisadores, e a resposta consiste em trabalhar uma ontologia plana, uma ontologia achatada, tratando a materialidade como parte da sociedade e assim demonstrando a importância dos não-humanos nas dinâmicas e interações humanas.

Essa outra postura, de se debruçar sobre o que chamamos de ontologia plana é conhecida como 'virada sociológica', que tende a decretar uma simetria entre os atores sociais (humanos e não-humanos), se distanciando das clássicas compreensões dualistas e polarizadas de mundo, do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, do bom e do ruim, do humano e do não-humano, e assim, estabelecendo diálogos não dicotomizados.

A ontologia é uma parte da filosofia que estuda o ser em seus primórdios. A concepção de ontologia usada aqui vê a realidade como dinâmica e performativa, aflorando através de práticas sociomateriais (POSTMA, 2012). Nesse sentido, há possibilidades ricas para se explorar como a Arquivologia é articulada numa rede de práticas, apreciando as múltiplas ontologias, onde nenhum ator humano e/ou não-humano existe sem estar articulado às práticas que o produzem e o fazem existir.

---

[2] Embora pareça explícito, o termo não-humano constitui tudo que não é humano: objeto material e imaterial, planta, animal, textos, arquitetura, laboratórios, máquinas, artefatos, organismos, coisas da natureza, etc.

[3] Em sociedades conectadas, as decisões sobre a vida são influenciadas por máquinas e códigos, estes cérebros artificiais conseguem traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constroem uma máquina de sugestões. Por exemplo, usuários de *streaming* de músicas, recebendo uma lista personalizada que lhes permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de recomendação da *Amazon*, *Google*, *eBay* e *Facebook*, entre outros.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença
(cc) BY-NC-ND

A ontologia plana trabalha na perspectiva de que pessoas e objetos ocupam o mesmo lugar, hierarquicamente falando (figura 1).

Figura 1 – Esquematização da Ontologia Plana.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Para Hatton (2019), na ontologia plana o mundo real é entendido como constituído pelas interações entre variadas assembleias de elementos heterogêneos (coisas, pessoas, tecnologias, textos, etc.), e tais interações geram transformações significativas, pois cada vez que uma entidade é convocada sua existência e todos os seus efeitos tornam-se significativos.

"Pensar os sujeitos sem objetos, ou os objetos sem sujeitos, só pode ser uma forma 'mágica' ou artificiosa em purificar os híbridos[4] e pensar o social de forma simplista" (LEMOS, 2012, p. 37). Fortalecendo essa percepção Latour (1994a) diz que somos quase-sujeitos e quase-objetos, e quanto mais temos um, mais temos o outro.

Vejamos um exemplo de uma partida de futebol. A bola em jogo ou a bola parada não significam as mesmas coisas, observemos que a bola em jogo possibilita reunir e agregar uma comunidade, a bola nesse sentido é um quase-objeto que produz realidade. É o poder das coisas (bola) para invocar a atividade dos quase-sujeitos (BENNETT, 2010b).

A bola parada antes ou depois da partida não existe, pois não tem função nem significado, não tem ação. Objetos, materiais, corpos, natureza, tecnologias, configurações, etc., permitem algumas ações e evitam outras.

[4] Híbrido se refere a algo que resulta da mistura de dois ou mais elementos diferentes.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença
(cc) BY-NC-ND

3 PRÁTICAS SOCIAIS ARQUIVÍSTICAS

Os trabalhos sobre práticas sociais podem ser conduzidos por múltiplas perspectivas ontológicas e epistemológicas, gerando uma variedade de caminhos para se pesquisar. Resolveu-se adentrar num desses acessos diferentes, trilhando em direção a *practice turn*[5], especificamente pela Teoria da Prática Social (TPS), originária da Filosofia, e influenciada por Theodore Schanktzi[6], pós-estruturalista (MOURA; DINIZ, 2016).

Os estudos fundamentados nas teorias das práticas formam um grande guarda-chuva que abarca um conglomerado de teorias. Entretanto, a escolha em se trabalhar a TPS, não em sua totalidade, mas como inspiração para discutir as práticas arquivísticas, tem seu cerne no entendimento que a espinha dorsal das práticas parte do pressuposto de uma dinâmica relacional que vincula sujeitos e objetos/coisas (KNNOR-CETINA,2001), ou seja, o campo das práticas é composto por entrelaçamentos materiais.

A dinâmica relacional enfatiza o impacto de todos os relacionamentos e como os seres humanos e os objetos/coisas se transformam, quando estão enredados a partir dos arranjos e seus efeitos (SØRENSEN, 2009). Com relação aos arranjos, são arrumações e organizações das 'coisas' no mundo, ou melhor, das partes que compõem o todo. São *layout* de humanos e não-humanos que se relacionam e ocupam lugares em relação uns ao outros.

A TPS procura articular que o campo de práticas é o lugar para investigar fenômenos e quando falamos de práticas, de forma geral, pensamos em matrizes de atividades a serem desenvolvidas num dado contexto (SCHANKTZI, 2001a; 2001b). Entretanto, não nos vem à mente que tais atividades são mediadas e propagadas por artefatos, objetos/coisas, híbridos, relevantes para as práticas mais do que mero intermediários, isto é, objetos/coisas não apenas mediam, mas propagam práticas.

As práticas são arranjos de pessoas e de artefatos, coisas/objetos, organismos, etc., pelas quais eles coexistem, essas entidades[7] se relacionam e possuem identidades

---

[5] Movimento gerado pelos estudos das práticas, e busca, em sua essência, a superação de dicotomias tradicionais ou polarizações" (ALVARENGA, 2017, p. 96).

[6] Professor de Filosofia da Universidade do Kentucky (Texas, USA), e co-diretor do Comitê de Teoria Social da mesma Instituição.

[7] Segundo Fenwick e Edwards (2010), o termo 'entidade' foi adotado por Latour para representar os elementos humanos e não-humanos. O uso desta expressão elimina a ideia de valorização de um dos elementos (humano ou não-humano). É uma maneira de se referir a várias coisas que podem ser humanas e não-humanas, incluindo diferentes tipos de objetos materiais e objetos imateriais (conceituais, morais, virtuais) e ações, que não são pré-determinadas, essencializadas e definidas.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença
(cc) BY-NC-ND

(quem são) e significados (o que fazem) (SCHANKTZI, 2001a; 2001b), porém, são concebidas como ações internas aos indivíduos (BARNES, 2001), e, sendo assim, tornam as outras entidades invisíveis no campo das práticas. Todavia, entender que elas são compartilhadas por objetos/coisas são questões centrais para a compreensão dos fenômenos sociais.

Barnes (2001) mostra como exemplo a prática da acupuntura: medicina alternativa na qual finas agulhas são inseridas no corpo do paciente. Ela não é a penetração de agulhas sem pensar, envolve uma ação conjunta entre os sujeitos humanos e objetos/coisas; o acupunturista interage com o paciente, mas também com as agulhas e vice-versa, de modo que envolve um imbricamento com os agentes (humano e não-humano) para se chegar a um fim específico.

Trazendo outro exemplo, agora no campo arquivístico, podemos pensar as técnicas de identificação, descrição, preservação, etc., enquanto métodos e processos na arquivística, um enredamento entre o profissional do arquivo (humano) e o documento arquivístico (objetos/coisas).

Segundo Rossato e Flores (2015), documento arquivístico é aquele produzido, em qualquer suporte, por pessoa física ou jurídica no cumprimento de suas atividades. Possui quatro características consideradas básicas, sendo elas:

1. Naturalidade – diz respeito a produção do documento arquivístico dentro de um processo natural de atividade no qual ele foi criado;
2. Autenticidade – é autêntico quando criado e conservado de acordo com procedimentos que podem ser comprovados a partir de rotinas preestabelecidas;
3. Organicidade – diz respeito à relação que os documentos arquivísticos possuem entre si no decorrer das ações para as quais foram criados;
4. Unicidade – Diz respeito a assumir um lugar único na ordenação documental da coleção à qual pertence.

É relevante pontuar também, a função social dos documentos arquivísticos. Conforme Moura e Vaisman (2017), para que a sociedade reconheça a função social dos documentos arquivísticos, é importante atravessarmos a ideia da função apenas jurídica de tais documentos, e assimilemos, também, sua responsabilidade social, no que corresponde à transmissão das memórias individual e coletiva e à produção do conhecimento (CAMPO, 2017; RODRIGUES, 2008).

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

Observem que essas associações, são híbridas, e são interpretadas como arranjos de humanos e não-humanos, através do qual eles coexistem numa rede. Contudo, é bastante comum considerar que nas práticas arquivísticas, os humanos são geralmente percebidos de forma hegemônica, cujos objetos/coisas, os documentos arquivísticos, são sempre passivos a ação desses humanos. Assim, é necessário estudar perspectivas teóricas que são capazes de destacar o papel desempenhado por uma gama diversificada de atores, configurando-se como uma assembleia de coisas (LUPTON, 2015).

Não se estar dizendo que não existem diferenças entre humanos e não-humanos, a posição aqui é analítica. Alega-se que essas diferenças, essa separação não é essencial para compreendermos os fenômenos sociais, inclusive na Arquivologia. "Enquanto o humanismo for feito por contraste com os [não-humanos], não compreenderemos nem um, nem o outro" (LATOUR, 1994, p. 134). Não parece ser uma opção, os mundos social e físico/material estão totalmente interligados. Tudo é híbrido.

Deste modo, entende-se que é impossível considerar as práticas arquivísticas simplesmente e apenas como a execução de uma tarefa dos humanos. E que esses humanos são os únicos que tem performatividade.

4 PERFORMATIVIDADE ARQUIVÍSTICA

Quando se fala em performance, a primeira coisa que vem à mente é a atuação/interpretação humana, pois estamos acostumados a pensar de um ponto de vista humanista, independentemente de todos os comportamentos não-humanos medidos ou captados em termos de desempenho ou de atos performativos.

Embora a palavra performance tenha vários significados, nesse artigo, nos apropriamos do sentido que Annemarie Mol (2002; 2008) atribui a ela. Performatividade tem a ver com a concepção de ação; os objetos/coisas têm ação, pois associados aos humanos dinamizam fluxos e intensidades, que perfomam na malha social, produzindo diferenças, desvios e transformações. Ou seja, a expressão performativa compreende que o mundo é repleto de ações e já não mais comporta apenas atores humanos, nessas ações.

A ação pode ser exibida também por seres que não são capazes de ação intencional, ou seja, por objetos/coisas, e sendo assim, a ação pode ser explicada sem referência a estados mentais (SCHLOSSER, 2015), e esses objetos/coisas também performam.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

Vejamos mais um exemplo da ação dos documentos arquivísticos (objetos/coisas) nas práticas arquivísticas. A tabela de temporalidade e destinação de documentos, instrumento que é utilizado para definir o ciclo vital dos documentos arquivísticos. Observem que são os próprios documentos que performam suas etapas, sejam elas de guarda permanente, temporária ou sua eliminação. O arquivista e os documentos arquivísticos, agem juntos coletivamente através de seus atributos.

Quem performa, o arquivista ou os documentos arquivístico? Eu diria que as duas coisas ao mesmo tempo. O profissional não pode agir sozinho sem a tabela de temporalidade e destinação de documentos, e consequentemente, sem o documento arquivístico. E o documento arquivístico também não pode movimentar-se sozinho. No processo, tabela de temporalidade e destinação de documento, bem como, o arquivista são fundidos, os dois se tornam um, ligados por um poder que opera sobre todas as entidades. Juntos, eles se tornam "[...] ferramenta-corpo, máquina-corpo" (FOUCAULT,1987, sem paginação).

A distinção entre coisas e pessoas é muito menos importante do que o desempenho que eles proporcionam e a fusão de seus efeitos sociais (WALTZ, 2006). Como atores, as pessoas não são categoricamente diferentes das coisas. Ambos são atores sociais que performam o mundo em conjunto com uma variedade de outros atores: humanos e não-humanos.

A performance é o mecanismo através do qual todos se relacionam entre si, independentemente de quaisquer diferenças ou a real complexidade de suas estruturas, os exemplos, explicado anteriormente, é um bom ponto de observação. A performatividade é compreendida não como um 'ato', mas como uma prática nomeada e produzida pelo discurso (BUTLER, 2001), ela é condição *sine qua non* de todas as formas de relacionalidade (FLORÊNCIO, 2014).

Logo, entendemos que a relacionalidade, conforme Law (1992, p. 389, tradução nossa), trata "agentes, organizações, e dispositivos como efeitos interativos", enfatizando o impacto de todos os relacionamentos (humanos e não-humanos) uns sobre os outros.

Para tornar as afirmações mais concretas e ao mesmo tempo mostrar uma alternativa metodológica para o campo da Arquivologia, apresenta-se uma maneira de estar no mundo, que se encaixa e pode envolver o emaranhando de objetos/coisas e humanos que o mundo é. Assim, desconstruindo metodologicamente o ser humano, como *locus* das práticas sociais arquivísticas, revelo a pesquisa pós-qualitativa (ST. PIERRE,

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

2018a; 2018b; LE GRANGE, 2018; ULMER, 2017; GERRARD; RUDOLPH; SRIPRAKASH,2017).

5 PESQUISA PÓS-QUALITATIVA

A investigação pós-qualitativa emergiu nos últimos anos como um movimento metodológico situado dentro da ampla 'virada sociomaterialista' (GERRARD; RUDOLPH; SRIPRAKASH, 2017). Para esse movimento (virada materialista), não há um mundo lá fora separado dos humanos, mas sim uma inter-relação dinâmica entre diferentes materialidades (PENNYCOOK, 2018; BARAD, 2003).

Assim, a pesquisa pós-qualitativa é dinâmica, fluida, indefinida, desdobrável. Marca uma ruptura com a metodologia qualitativa humanista, atraindo, para essa forma de pesquisar, o realismo agencial (BARAD, 2007), o poder das coisas (BENNETT, 2010a) e as redes de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 1996), incorporando o pós-estruturalismo e dessa maneira, desconstruindo uma das formas mais poderosas do humanismo – o ser humano.

O envolvimento com a pesquisa pós-qualitativa implica em maneiras profundamente diferentes de pensar sobre o *design* da pesquisa. A pesquisa pós-qualitativa adota medidas mais abertas, flexíveis e descritivas. O importante é chegar a um entendimento integrado da composição relacional de uma prática específica sob investigação e dos efeitos que essas composições geram. Assim, todas as forças que atuaram sobre e através da pesquisa, por exemplo: humanos e não-humanos, se associaram para produzir um conjunto de investigação pós-qualitativa, tornando-se um emaranhamento, uma assembleia de coisas (MAZZEI, 2013).

Logo, o ponto de entrada na análise pós-qualitativa é considerá-la como uma assembleia de coisas, visto que a multiplicidade no processo a ser pesquisado (humanos, objetos/coisas, cenários e espaços físicos, literatura científica e estudos anteriores, pressupostos teóricos, dados produzidos por métodos e técnicas, etc.) procura o efeito que unem essa assembleia (FOX; ALLDRED, 2017).

Taylor (2017) identifica algumas características-chaves da pesquisa pós-qualitativa, são elas:

1. O descentramento humano a fim de reconhecer a ação de não-humanos também.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença
(cc) BY-NC-ND

Essa característica defende que precisamos ir além da ideia de unicidade dos sujeitos (humanos) e acolhamos um mundo material também pela interferência de outros agentes (não-humanos) (PICKERING, 2001).

2. A passagem de uma consciência cognitiva para o materialismo relacional.

De forma geral, compreendemos que é a distinção entre o comportamento produzido por estados mentais, ou seja, por uma ação intencional (humana), e o comportamento que pode ser explicado em termos causais materiais (não-humana). É a distinção, por exemplo, entre uma pessoa dizendo a outra pessoa que é hora de ir, e de um despertador acionado para alertar a pessoa que é hora de ir.

3. A reformulação epistemológica que rompe com o binarismo do sujeito cartesiano e consequentemente a superação da dicotomia sujeito/objeto.

O binário que o Humanismo instituiu, e que tem sido usado para marcar o humano como uma categoria de ser separada, excepcional, distinta, privilegiada e superior do resto da vida no universo, é ilegítimo e falacioso. A crença de que limites binários entre sujeitos e objetos/coisas são limitados e prejudiciais à compreensão do social, e que esses limites não podem mais, confortavelmente, ser utilizados.

A pesquisa pós-qualitativa não possui um consenso conceitual, pois está estruturada em vários pressupostos teóricos (as redes rizomáticas, o realismo agencial e o poder das coisas). É interessante iniciar a pesquisa pós-qualitativa a partir de uma análise pós-estruturalista (ST. PIERRE, 2018a; 2018b) descritas a partir das características-chaves.

Para Lather e St. Pierre (2013) as categorias que inventamos para organizar e estruturar a metodologia qualitativa humanista por exemplo: os problemas e as questões da pesquisa, os métodos de produção e análise de dados (entrevistas, questionários, grupos focais, etc.), pressupõem a profundidade em que o ser humano é superior e separado do material.

Para a pesquisa pós-qualitativa os fenômenos são descritos e explorados como arranjos, como configurações sociomateriais do mundo, e qualquer ponto tem poder de ser conectado a qualquer outro, atuando como matéria viva na assembleia de humanos e/ou não-humanos.

Assim, ao descentrar os humanos como os únicos possíveis conhecedores e produtores de conhecimento, uma riqueza de possibilidades de pesquisas surgem (ULMER, 2017) oferecendo outra reformulação em alinhamento com um novo conjunto

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

de filosofias sobre o social (GREENE, 2013).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós, humanos, usamos ferramentas e tecnologias, ou seja, objetos/coisas para aumentar as nossas capacidades e os nossos sentidos, e esses não-humanos produzem profundas mudanças no conhecimento, no comportamento, na cultura.

Logo, é importante o despertar nos não-humanos, que estão imbricados, entrelaçados, pois os objetos/coisas não são pano de fundo em contextos sociais (casa, trabalho, lazer, etc.), mas atores respeitáveis, inclusive, em ambientes arquivísticos.

Entendendo que a produção de fatos científicos não partem apenas dos humanos, mas sim das associações e, consequentemente, das mixagens das entidades, então, metodologicamente apresentamos a pesquisa pós-qualitativa.

Fundamentada numa visão não-antropocêntrica, desmascarando as maneiras pelas quais estamos enraizados em ideologias humanistas, a investigação pós-qualitativa oferece uma maneira de estar no mundo que se encaixa e pode envolver o emaranhado que o mundo é.

A pesquisa pós-qualitativa analisa como as forças materiais afetam a conduta da vida cotidiana, discute como e quando os não-humanos têm ação e exploram o valor metodológico dos estudos da materialidade, a fim de iluminar as formas pouco estudadas da vida social.

Assim, os objetos/coisas não são meramente instrumentos para 'gravar ou reproduzir voz humana' eles também 'falam e agem', contudo, os modernos (LATOUR, 1994), desaprenderam a linguagem, o idioma dos objetos/coisas, pois isolaram tais entidades na lógica da razão prática, como recursos utilitários ou ornamentais. A linguagem dos objetos/coisas vem das suas próprias particularidades, que se adequam aos propósitos culturais para o qual elas estão inscritas (GONÇALVES; BITAR; GUIMARÃES, 2013; BRAUN; WHATMORE, 2010).

Conforme Pickering (2013), nós, humanos, somos agentes performativos, nós fazemos coisas no mundo, contudo, as coisas/objetos (pedras, documentos arquivísticos, estrelas, ferramentas, etc.) também o fazem, ou seja, elas também performam.

Considero que os não-humanos podem ser portadores de práticas e possuem performances, assim como os humanos. Nós precisamos mostrar como as coisas que as

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

pessoas fazem, fazem as pessoas a fazer coisas. Estes objetos/coisas podem ser usados por nós humanos, mas eles também podem usar os seres humanos e influenciar, mudar uma prática social arquivística, que então não é mais particularmente humana.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, G. L. A Practice Turn nos Estudos Organizacionais Brasileiros: Uma Análise de Publicações entre os Anos 2006 – 2015. **Pensamento & Realidade**, v. 32, n. 1, p. 93-106, 2017.

BARAD, K. **Meeting the universe halfway**. Quantum physics and the entanglement of matter and meaning. 2007. Disponível em: https://smartnightreadingroom.files.wordpress.com/2013/05/meeting-the-universe-halfway.pdf. Acesso em: 24 jul. 2019.

BARAD, K. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 28, n. 3, p. 801-831, 2003.

BARNES, B. Practice as collective action. In: SCHATZKI, T. R.; KNOR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London, New York: Routledge, 2001.

BENNETT, J. Thing-Power. In: BRAUN, B.; WHATMORE, S. J. **Political Matter**: Technoscience, Democracy, and Public Life. Minnesota: Univerversity of Minnesota Press, 2010a. p. 35-62.

BENNETT, J. **Vibrant Matter**: A Political Ecology of Things. Carolina do Norte, USA: Duke University Press, 2010b.

BRAUN, B.; WHATMORE, S. J. The Stuff of Politics: An Introduction. In: BRAUN, B.; WHATMORE, S. J. **Political Matter**: Technoscience, Democracy, and Public Life. Minnesota: Univerversity of Minnesota Press, 2010. p. ix-xl.

BUHL, H.; ANDERSEN, M.; KEROSUO, H. I Work All Day with Automation in Construction: I am a Sociomaterial-Designer. In: **NORDIC CONFERENCE ON CONSTRUCTION ECONOMICS AND ORGANIZATION**, 10., 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1108/S2516-285320190000002018. Acesso em: 2 jun. 2019.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.152-172.

CAMPOS, J. F, G. Arquivos pessoais: facetas de um dilema. In: ANDRADE, A. C. N. (Org.). **Arquivos, entre tradição e modernidade**, volume 2: trabalhos apresentados nas sessões de comunicações livres e os eventos paralelos do XI Congresso de Arquivologia do Mercosul. São Paulo: ARQ-SP, 2017. p. 39-49.

(cc) BY-NC-ND

COUTO, E. S. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: Edufba, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1996. V. 3.

FENWICK, T.; EDWARDS, R. **Actor-Network Theory in Education**. London, New York: Routledge, 2010.

FLORÊNCIO, J. Ecology Without Nature, Theatre Without Culture Towards an Object-Oriented Ontology of Performance. **O-Zone**: A Journal of Object-Oriented Studies, v. 1, p. 118-127, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOX, N. J.; ALLDRED, P. Social structures, power and resistance in monist sociology: (new) materialist insights. **Journal of Sociology**, v. 54, n. 3, p. 315-330, 2018.

GERRARD, J.; RUDOLPH, S.; SRIPRAKASH, A. The Politics of Post-Qualitative Inquiry: History and Power. **Qualitative Inquiry**, v. 23, n. 5, p. 384–394, 2017.

GREENE, J. C. On rhizomes, lines of flight, mangles, and other Assemblages. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 26, n. 6, p. 749-758, 2013.

GONÇALVES, J. R. S.; BITAR, N. P.; GUIMARÃES, R. S. **A alma das coisas**: patrimônio, materialidade e ressoanância. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Org.) **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HATTON, N. A Tale of Two Pianos: Actants, Sociability, and Form in Jane Austen's Emma. **Open Cultural Studies**, v. 3, p. 135-147, 2019.

KNORR-CETINA, K. Objectual practice. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001. p. 184-197.

LATHER, P.; ST. PIERRE, E. A. Post-qualitative research. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 26, n. 6, p. 629-633, 2013.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 1994.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n2.52976
ISSN 2318-6186. Licença
(cc) BY-NC-ND

LAW, J. **Notes on the Theory of the Actor-Network**: Ordering, Strategy and Hetereneity, Systems Practice, v. 5, p. 379-93, 1992.

LEMOS, A. **A comunicação das Coisas. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede**. Etiquetas de Radiofrequência em Uniformes Escolares na Bahia. 2012. Disponível em: http://docplayer.com.br/659634-A-comunicacao-das-coisas-internet-das-coisas-e-teoria-ator-rede.html. Acesso em: 15 fev. 2017.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LE GRANGE, L. What is (post)qualitative research? **South African Journal of Higher Education**, v. 32, n. 5, p. 1-14, 2018.

LUPTON, D. **Personal Data Practices in the Age of Lively Data**. 2015. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2636709. Acesso em: 10 jun. 2019.

MAZZEI, L. A. A voice without organs: interviewing in posthumanist research. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 26, n. 6, p. 732-740, 2013.

MOL, A. **The Body Multiple**: Ontology in MedicalPractice. London, Duke University Press, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4621896/mod_resource/content/2/MOL%2C%20Annemarie.%20The%20body%20multiple.pdf. Acesso em: 15 dez. 2019.

MOL, A. **Política ontológica**: algumas ideias e várias perguntas. 2008. Disponível em: https://pure.uva.nl/ws/files/899834/77537_310751.pdf. Acesso em: 8 jan. 2018.

MOURA, R. L.; DINIZ, B. D. Analisando projetos através das práticas: um ensaio teórico. **Revista de Gestão e Projetos – GeP**, v. 7, n. 2. p. 34-41, 2016.

MOURA, L. E.; VAISMAN, P. S. Exposição: um instrumento para difusão cultural de acervos arquivísticos. In: ANDRADE, A. C. N. (Org.). **Arquivos, entre tradição e modernidade**, volume 2: trabalhos apresentados nas sessões de comunicações livres e os eventos paralelos do XI Congresso de Arquivologia do Mercosul. São Paulo: ARQ-SP, 2017. p. 138-150.

PENNYCOOK, A. Posthumanist Applied Linguistics. **Applied Linguistics**, v. 39, n. 4, p. 445–461, 2018.

PICKERING, A. Living in the material world. In: VAUJANY, FX; MITEV, N. (Eds.). **Materiality and Space:** organizations, artefacts and practices., London: Palgrave Macmillan, 2013. p. 25-40.

PICKERING, A. Practice and post-humanism: social theory and a history of agency. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001. p. 172-183.

 (cc) BY-NC-ND

POSTMA, D. Education as sociomaterial critique. **Pedagogy, Culture Society**, v. 20, n.1, p. 137-156, 2012.

RODRIGUES, A. C. **Diplomática contemporânea como fundamento metodológico da identificação da tipologia documental em arquivos**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2008.

ROSSATO, F. H. C.; FLORES, D. O documento arquivístico: reflexões acerca do patrimônio cultural. **ScientiaTec**: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS-Campus Porto Alegre, Porto Alegre, v.2 n.3, p. 35-47, jul/dez. 2015.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001a.

SCHATZKI, T. R. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K; VON SAVIGNY, E (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001b. p. 50-63.

SCHLOSSER, M. **Agency**. 2015. Disponível em: https://plato.stanford.edu/archives/fall2015/entries/agency/. Acesso em: 10 fev. 2018.

SØRENSEN, E. The **Materiality of Learning**: Technology and Knowledge in Educational Practice. Cambridge University Press, 2009.

ST. PIERRE, E. A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à "pós-investigação". **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez. 2018b. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa. Acesso em: 5 jan. 2019.

ST. PIERRE, E. A. Writing Post Qualitative Inquiry. **Qualitative Inquiry**, v. 24, n. 9, p. 603–608, 2018a.

TAYLOR, C. A. Is a posthumanist *Bildung* possible? Reclaiming the promise of *Bildung* for contemporary higher education, **Higher Education**, v. 74, n. 3, p. 419-435, 2017.

ULMER, J. B. Posthumanism as research methodology: inquiry in the Anthropocene. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, 2017. Disponível em: http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/ulmer_2017._posthumanism_as_research.pdf. Acesso em: 4 out. 2019.

WALTZ, S. B. Nonhumans Unbound: Actor-Network Theory and the Reconsideration of "Things" in Educational Foundations. **Educational Foundations**, v. 20, n. 3-4, p. 51-68, 2006.

 (cc) BY-NC-ND